

Bacha: jogo tradicional voltará

RIO
AGÊNCIA ESTADO

As próximas reuniões para a discussão da dívida externa entre o Brasil e os países credores não vão se dar no bojo de grandes eventos ou grandes crises e o que se verá, nos próximos meses, é o tradicional jogo do "empurra com a barriga". Essa é a visão do economista e professor da Pontifícia Universidade Católica, Edmar Bacha, ex-presidente da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que ontem foi o convidado do Instituto dos Economistas do Rio de Janeiro para debater sobre a dívida externa. Segundo ele, nos próximos meses será possível ver se o Brasil tem ou não poder de barganha suficiente para um acordo razoavelmente satisfatório que permita, pelo menos, um crescimento moderado este ano.

Para o economista, o panorama internacional está sofrendo uma certa "fadiga da dívida", demonstrada principalmente na relutância crescente dos bancos privados em contribuir com parcelas de recursos financeiros para que os países endividados consigam retomar seu crescimento. Esses bancos, analisou, estão preferindo simplesmente se desencilhar dessas dívidas e o fazem vendendo, com descontos crescentes, os títulos correspondentes no mercado secundário. Nesse mercado de segunda mão, a dívida brasileira está valendo, para cada dólar nominal, apenas 60 centavos.

Essa desvalorização do capital, afirmou Bacha, tem efeitos negativos sobre todo conjunto de investimentos internacionais, porque os in-



Bacha vê 'fadiga da dívida'

vestidores sabem que seu capital está condenado a uma depreciação e pode cair na "vala comum" das obrigações brasileiras no Exterior. Por outro lado, a outra "ponte de salvação", que seriam os recursos do Fundo Monetário Internacional e Banco

mando numa "bomba de sucção", na medida em que as amortizações de empréstimos anteriores começam a ser maiores que o volume de recursos emprestados em 1985.

NOVA AGÊNCIA

Para uma mudança mais significativa no tratamento das dívidas, disse Bacha, era preciso que os líderes da economia mundial, reconhecendo a necessidade dessa transformação, determinassem a criação de uma nova agência internacional que comprasse dos bancos privados os papéis das dívidas com desconto e depois os renegociassem com os respectivos países devedores. Mas isso seria trabalhar com uma "visão de estadista" que, no momento, o economista acredita não existir.

Outra saída seria a da crise, como por exemplo, uma súbita elevação das taxas de juros internacionais, que provocasse a reação dos Estados Unidos — para evitar a queda substancial do dólar — de elevar os juros das dívidas dos países devedores, o que inviabilizaria, de vez, o pagamento destas nos moldes atuais. Como nem uma coisa nem outra deve acontecer, calculou Bacha, as modificações no tratamento de dívidas externas devem acontecer em negociações demoradas. Nesse sentido, ele já considera "extremamente bem-vindas" as declarações do diretor do FMI, Michel Camdessus, de que o problema deve ser discutido levando em consideração as necessidades de crescimento dos países endividados. Para Bacha, Camdessus deve ser visto como "um aliado" dos países devedores.